

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Discurso anti-CPI

O pedido de inquérito feito pelo procurador-geral da República, Augusto Aras, para investigar o ministro da Educação, Milton Ribeiro, tem um objetivo prioritário: dar discurso à base aliada do governo para evitar a instalação de uma comissão parlamentar de inquérito. É que, neste momento pré-eleitoral, qualquer investigação com plateia e transmissão ao vivo pela tevê é desgaste certo.

Melhor ficar do que abrir uma guerra

O presidente Jair Bolsonaro, conforme o leitor da coluna já sabe, não pretende substituir Milton Ribeiro. Com isso, quer evitar uma disputa pelo posto. A bancada evangélica reduziu o tom das cobranças em relação ao ministro, mas, se a vaga abrir, vai reivindicar o cargo. O Centrão, idem.

Perde, mas ganha...

Márcio França foi aclamado por seu partido como candidato a governador de São Paulo. O PT queria o PSB ao lado de Fernando Haddad, mas, depois de fazer as contas, acha melhor que os socialistas concorram ao governo do maior colégio eleitoral do país.

... no final

Os petistas calculam que a tendência é de Márcio França tirar votos do vice-governador Rodrigo Garcia (PSDB), pré-candidato ao governo paulista. Assim, conforme as contas feitas pelo PT, o segundo turno em São Paulo tem tudo para ser entre Haddad e o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, que deixa o cargo na próxima semana para se apresentar como candidato a governador com a bandeira de Jair Bolsonaro. Nesse cenário desenhado pelo PT, França apoia Haddad no segundo turno e, quem sabe, ainda vira ministro de Lula, se o ex-presidente for eleito.

A largada de Lula-Alckmin

Com Geraldo Alckmin filiado ao PSB, os petistas já marcaram o 1º de maio, Dia do Trabalho, para o desfile, Brasil afora, de Lula e do escolhido para vice. Inicialmente, haverá um ato na Avenida Paulista, a ser transformado numa espécie de ensaio geral do programa de governo para os trabalhadores. Até aqui, tudo deu certo para os planos do PT em relação a Lula, o primeiro

pré-candidato que, hoje, já tem chapa completa.

Em tempo: Lula quer antecipar tudo o que for possível, obviamente, sem ferir a legislação eleitoral, porque sabe que, quando o jogo começar oficialmente, o PT será cobrado dos escândalos que abalaram seus governos. E, quanto mais apoios o petista angariar antes que isso aconteça, melhor.



CURTIDAS

Noves fora...! A 10 dias do fim do prazo de filiação partidária, quem mais ganhou deputados foi o PL do presidente Jair Bolsonaro. Sinal de que ele não está morto eleitoralmente, como espalham seus adversários.

Gustavo Mansur/Palácio Piratini



Novela tucana! O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (foto), hoje está no modo permanência no PSDB. Ele já esteve com os dois pés no PSD de Gilberto Kassab, mas os apelos dos tucanos fizeram a balança pender para que ele fique no partido. O PSD, porém, ainda não desistiu de levá-lo.

Efeito Matarazzo! Os tucanos têm usado como argumento junto a Eduardo Leite o caso de Andrea Matarazzo. Em 2016, Matarazzo foi para o PSD como pré-candidato à Prefeitura de São Paulo. Em julho, virou candidato a vice na chapa encabeçada por Marta Suplicy, postulante do MDB.

Por falar em PSDB...! A contar pela entrevista do deputado Aécio Neves (PSDB-MG) ao *CB.Poder* (veja íntegra nas redes sociais do Correio Braziliense), o governador de São Paulo, João Dória, não terá uma pré-campanha sossegada. A pressão para que desista de concorrer será enorme, com ou sem Eduardo Leite no partido.

ELEIÇÕES

Alckmin: Lula é a esperança

No ato de filiação ao PSB, o ex-tucano rasga elogios ao ex-presidente, mas não cita data para anúncio da chapa com o petista

» VICTOR CORREIA
» RAPHAEL FELICE
» INGRID SOARES

O ex-governador paulista Geraldo Alckmin assinou, ontem, a ficha de filiação ao PSB e abriu caminho para se tornar vice na chapa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de outubro. Ele se esquivou, porém, de cravar uma data para que a aliança com o petista seja anunciada. "Agora, cabe aos partidos conversarem", driblou. "Converso com o presidente Lula. Não tem nenhuma data definida nem pressa para isso."

O ato de filiação de Alckmin lotou a sede da Fundação João Mangabeira, em Brasília, com integrantes não só do PSB como do PCdoB e do PT — a presidente nacional do partido, Gleisi Hoffmann, acompanhou a cerimônia. O ex-tucano elogiou a nova sigla "pela decisão de apoiar o presidente Lula para presidente da República". "É ele. Nós temos que ter os olhos abertos para enxergar, a humildade para entender que ele é, hoje, aquele que melhor reflete e interpreta o sentimento de esperança do povo brasileiro", enfatizou no discurso. "Aliás, ele representa a própria democracia, porque é fruto da democracia. Não chegaria lá (ao Planalto) do berço humilde que sempre foi se não fosse o processo democrático."

Alckmin disse que pretende colaborar tanto na campanha quanto num eventual governo. "Já fui vice-governador e governador. Sei os limites da competência e da responsabilidade das tarefas. Minha disposição é de ajudar, se esse for o caminho", frisou. "O presidente Lula, com os pés no chão, tem colocado que é necessário ter uma aliança para

vencer a eleição e uma aliança para governar."

O ex-tucano disse se sentir em casa no PSB. "A social-democracia e o socialismo têm uma origem comum das lutas trabalhistas e sociais", argumentou. "Alguns podem estranhar. Eu disputei com Lula em 2006, fomos ao segundo turno, mas nunca colocamos em risco a democracia. A disputa era em outro nível. Não tenho dúvida de que o presidente Lula, se Deus quiser, eleito, vai reinserir o Brasil no cenário mundial", declarou.

Ele também fez críticas veladas ao presidente Jair Bolsonaro (PL). "Vivemos uma situação excepcional no Brasil, assombrando a população com violência e intolerância. É impressionante o retrocesso civilizatório em que estamos vivendo", frisou. "Uma economia parada, com inflação, especialmente de comida. Absurdo. É hora de desprendimento, convergência, união para o Brasil poder retomar a sua atividade."

História

Gleisi Hoffmann afirmou que a filiação de Alckmin "tem um imenso significado para o futuro do Brasil". "O PT e o PSB têm uma trajetória comum na luta pela democracia e na construção de um país melhor", destacou. "Juntos, fazemos história neste país e, juntos, vamos fazer história novamente em torno da candidatura do presidente Lula. Precisamos encerrar esse tempo de retrocesso."

No seu discurso, o presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira, afirmou que o momento atual não se trata de disputa entre esquerda e direita. "Trata-se de uma disputa entre a democracia e o arbítrio, entre a sociedade e a barbárie", emendou.

ANTONIO MOLINA/FOTOARENA/FOTOARENA/ESTADÃO CONTEÚDO



Gleisi Hoffmann com Alckmin na filiação em Brasília: "Vamos fazer história novamente"

Divergências no passado

Apesar do histórico de divergências com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-governador Geraldo Alckmin, ao anunciar a decisão de ingressar no PSB, afirmou que o momento exige "grandeza política, espírito público e união", numa referência ao objetivo de derrotar o presidente Jair Bolsonaro (PL) nas urnas.

A articulação da chapa Lula-Alckmin foi capitaneada pelo ex-governador Márcio França (PSB) e o ex-ministro Fernando Haddad (PT). Para se colocar no

cenário político nacional, o ex-tucano abriu mão de disputar o governo de São Paulo — estado que comandou por três mandatos —, mesmo na liderança nas pesquisas de intenção de voto. O convite para concorrer novamente ao Palácio dos Bandeirantes havia sido feito pelo PSD.

Alckmin anunciou sua saída do PSDB em dezembro. Ele estava insatisfeito na legenda desde as eleições de 2018 e se sentia traído pelo atual governador de São Paulo, João Dória (PSDB), que se elegeu colando sua

imagem na de Bolsonaro, apesar de Alckmin ter sido o candidato tucano ao Planalto quatro anos atrás. Para o pleito deste ano, Dória foi escolhido pré-candidato tucano a presidente.

Em 19 de dezembro, Lula e Alckmin estiveram em um jantar organizado pelo grupo de advogados Prerrogativas, em São Paulo. Foi o primeiro sinal público da aliança. Em 19 de janeiro, o petista disse que não teria "nenhum problema" em construir uma chapa com Alckmin, apesar do histórico de antagonismo.



Alguns podem estranhar. Eu disputei com Lula em 2006, fomos ao segundo turno, mas nunca colocamos em risco a democracia. A disputa era em outro nível"

Geraldo Alckmin,
ex-governador paulista

Memória

Alternância no Planalto

PT e PSDB polarizaram quase todas as eleições presidenciais desde a redemocratização do país. Os tucanos governaram o Brasil por oito anos, de 1995 a 2002, com o então presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC). Os petistas estiveram no poder de 2003 até 2016, no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Em 2006, quando o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva conquistou a reeleição, seu adversário nas urnas foi Geraldo Alckmin. No pleito de 2018, contudo, o segundo turno foi entre Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro, que saiu vitorioso — Alckmin, que foi o candidato tucano, obteve 4,7% dos votos.